

Este livro é uma incursão no mundo da Educação para a Saúde, sustentada teoricamente pelos contributos epistemológicos do Movimento da Auto-Organização (MAO). Os caminhos que são percorridos pretendem sobretudo ser um pretexto para que se reflita sobre o que aqui é proposto, questionado, interrogado.

A primeira parte deste livro estuda questões como a filiação epistemológica do MAO (ajuda a compreender o seu surgimento na história da ciência), as suas características, bem como a sua repercussão na ciência contemporânea.

Na segunda parte relaciona o conceito de organização autopoietica (individual) com a noção de existência de padrões auto-organizativos de tipo "mental", numa perspectiva ecológica da mente.

Numa terceira parte, situa historicamente as concepções de saúde pública no Ocidente, dado que a educação/promoção da saúde, enquanto intervenção sobretudo no âmbito da saúde comunitária, dela deriva.

Analisa a transformação dos conceitos "educação" e "saúde" desde os anos setenta do século passado até à actualidade. Propõe-se alguns tópicos em torno dos quais se pode vir a constituir um modelo auto-organizativo de Educação/Promoção de Saúde, nomeadamente no que respeita a doença crónica e a formação de profissionais de saúde.

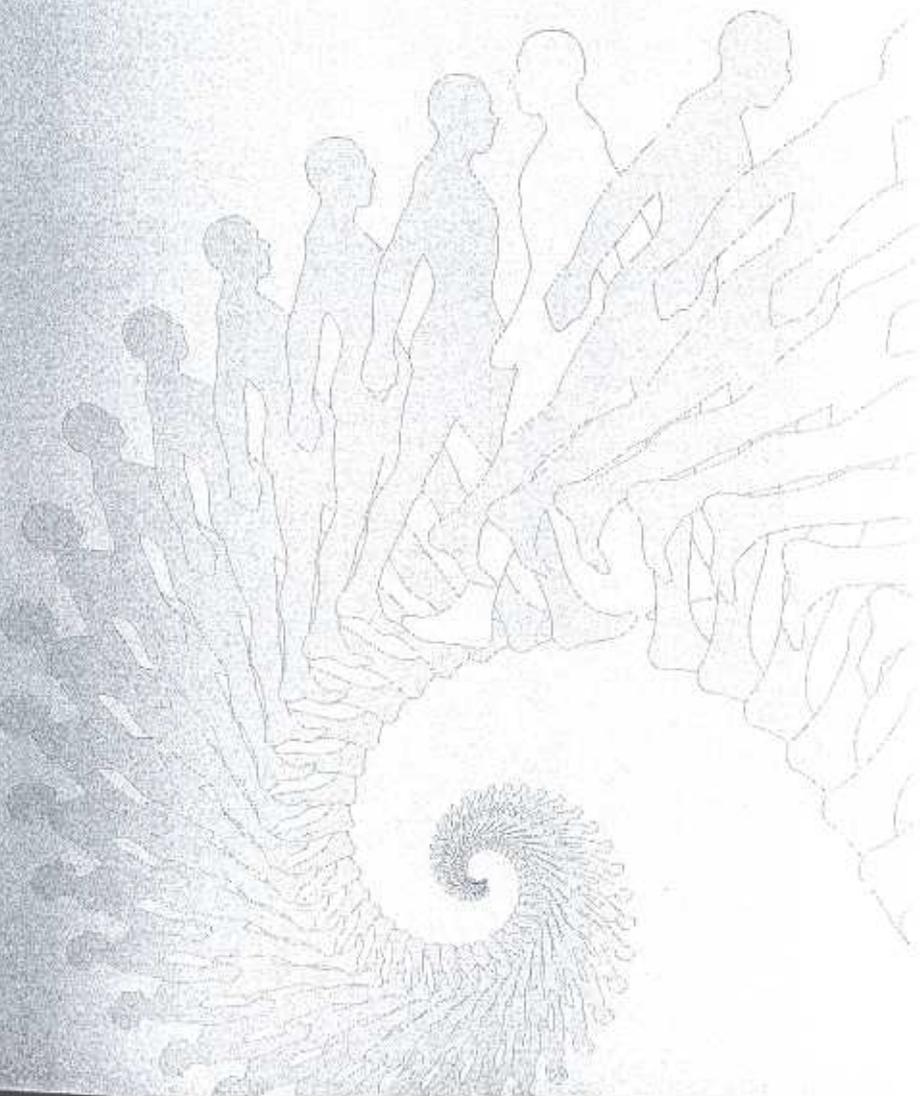
ISBN: 972-8838-08-5



9789728838085

CLARA COSTA OLIVEIRA

arbolive



AUTO-ORGANIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Clara Costa Oliveira



ariadne editora
coimbra, junho de 2004

AUTO-ORGANIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E SAÚDE *por Clara Costa Oliveira*

Colecção: Saúde, n.º 2

CAPA

Límao Design (mail@limaodesign.com)

IMPRESSÃO

Arte Pronta - Acabamentos Gráficos Unipessoal, lda
(artepronta@sapo.pt)

EDIÇÃO

ariadne editora
instituto pedro nunes
rua pedro nunes
3030 - 199 coimbra

telf: 351 239 700 391

fax: 351 239 700 392

email: info@ariadne-editora.com

www.ariadne-editora.com

ISBN: 972-8838-08-5

Dep. Legal: 21027/04

AUTO-ORGANIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Clara Costa Oliveira

ariadne editora
coimbra, junho de 2004

A meu filho Jonas, para que nunca esqueça que muitas vezes é necessário perder batalhas (d)no mundo para se manter a dignidade própria de quem é filho de Deus

A meu marido, Manuel, que cumpre entre nós o significado do seu nome.

A meu pai, Jorge, pelo seu legado de honra, honestidade e integridade.

Agradeço aos Mestres Joaquim Pinto Machado, José Ribeiro Dias e
Fernanda Navarro a amizade, a paciência, a confiança, a sabedoria, e sobretudo a Graça.

Às Rosália, Sãozinha, Otília, Manela, e Paula
agradeço a total disponibilidade e braços sempre abertos

Aos meus exalunos, àqueles/as que continuam a procurar-me e a ouvir-me..
agradeço a coragem, a alegria, o afecto que convosco tenho aprendido!

Índice

PREFÁCIO	ii
INTRODUÇÃO	13
1. O MOVIMENTO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO	17
1.1 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO	21
1.2 AS CIÊNCIAS BASE DO MOVIMENTO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO	22
1.3 CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO	26
1.4 A DIMENSÃO CONTEMPORÂNEA DO MOVIMENTO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO ..	27
2. ECOLOGIA DA MENTE E TEORIA DA AUTOPOIESIS	29
2.1 PADRÃO AUTO-ORGANIZATIVO E ORGANIZAÇÃO AUTOPOIÉTICA	31
2.2 MÁQUINAS AUTO/ALO POIÉTICAS E DIGITAIS/ANALÓGICAS	32
2.3 "APRENDER É VIVER" E A LINGUAGEM DE TIPO ANALÓGICO	33
2.4 "TUDO O QUE É DITO, É DITO POR UM OBSERVADOR" E A LINGUAGEM DE TIPO DIGITAL	37
2.4.1 A LINGUAGEM COMO CORRESPONDÊNCIA COM O REAL	40
2.4.2 A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO REAL	41
2.4.3 LINGUAGEM E SENTIDO	47
3. EDUCAÇÃO/PROMOÇÃO DA SAÚDE	43
3.1 PARADIGMAS DE SAÚDE E DE DOENÇA NO OCIDENTE	44
3.2 EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS "EDUCAÇÃO" E "SAÚDE" NO SÉC. XX	45
3.3 TEÓRIAS E MODELOS DE SAÚDE COMUNITÁRIA CONTEMPORÂNEOS	50
3.3.1 CUIDAR DA SAÚDE	51
3.3.2 INDICADORES DE UM MODELO SALUTOGÊNICO	53

4 PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO AUTO-ORGANIZATIVO DE EDUCAÇÃO/PROMOÇÃO DA SAÚDE	55
4.1 DA PERTURBAÇÃO À ORDEM MAIOR	56
4.2 DO ALEATÓRIO AO SIGNIFICADO	59
4.3 DA REJEIÇÃO À ACEITAÇÃO	60
4.4 PADRÕES AUTO-ORGANIZATIVOS INDIVIDUAIS E COMUNIDADES	61
4.5 A DIMENSÃO POIÉTICA DA LINGUAGEM HUMANA	62
4.6 ÉTICA DA HUMILDADE PEDAGÓGICA	64
4.7 O DESAFIO DAS DOENÇAS CRÓNICAS	67
4.8 A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE	71
4.9 PÓ DE TERRA E DE ESTRELAS	73
 BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA	 75
OUTRA BIBLIOGRAFIA	78

Prefácio

O nosso comportamento como cidadãos e como profissionais resulta dos nossos saberes e da nossa própria ética. Se temos a preocupação de agir de forma coerente connosco mesmo, habituamo-nos a reflectir sobre os nossos comportamentos e a confrontar as nossas opiniões com as de outros as quais nos vão servir de referência e, simultaneamente, nos vão fornecer novos elementos para reflexão. Todo este processo, mesmo quando realizado de forma deliberada, a maior parte das vezes não é acompanhado do aprofundamento científico necessário que nos confira maiores certezas, ou nos faça confrontar com novas dúvidas sentidas como novos desafios. Quando procuramos informação científica, essa procura centra-se predominantemente em áreas do saber técnico-profissional e vai servir-nos sobretudo para o que se costuma designar por 'actualização profissional' restringindo-se o seu âmbito aos aspectos que se prendem directamente com a nossa prática. Realizamos assim um trabalho meritório mas frequentemente sentimos que não possuímos os argumentos conceptuais que fundamentem a nossa maneira de ver o mundo e as nossas opções como pessoas e que nos permitiriam melhor interrelação com nós próprios e com os outros, afinal o alicerce dos nossos comportamentos.

Toda a nossa actividade, dentro e fora do âmbito profissional, reflecte a forma como nos vemos a nós mesmos e, sobretudo (ou em consequência) como vemos os outros em relação a nós próprios.

Quando encontramos autores que nos proporcionam elementos para fundamentar a nossa prática e quando nos sentimos em sintonia com eles, ficamos muito gratos pelo seu labor porque nos vêm proporcionar os argumentos científicos que tantas vezes nos faltam. Foi o que me aconteceu com a leitura deste livro. Mas a sua importância não se esgota aqui. O seu conteúdo centra-se na preocupação de um vasto e apaixonante tema que é a educação. Mas vai mais longe e preocupa-se com a prática dos profissionais de saúde enquanto educadores.

Estas abordagens são muito oportunas; tenho esperança que ajudem estes profissionais a reflectir sobre um dos papéis que têm de assumir conscientemente, o de educadores, cujo conteúdo funcional normalmente não faz parte dos currículos da sua formação talvez porque se considere que qualquer pessoa que domine os aspectos científicos próprios da profissão tem competências suficientes para 'ensinar' os respectivos rudimentos à restante população (considerada ignorante nesses domínios) e decidir (por ela) quais são as melhores opções em termos de saúde.

Neste livro podemos reflectir sobre o mecanismo da aprendizagem a nível interno da nossa condição de seres vivos e de seres vivos humanos, aprendizagem que nos permite encontrar mecanismos para sobreviver ou para melhor viver, mas também da aprendizagem da vida em sociedade desde o meio familiar até ao nível mais abrangente de cidadania.

Provavelmente foi analisando a forma como o Homem passou de uma situação primária até ao desenvolvimento actual que foi possível o avanço da ciência que hoje

nos permite compreender um pouco melhor os mecanismos da aprendizagem. Na realidade, se os primeiros homens tivessem necessidade de que alguém os ensinasse, ainda estaríamos no estadió primário dessa evolução. Como refere Paulo Freire 'foi reinventando-se a si mesmo, experimentando ou sofrendo a tensa relação entre o que herda e o que recebe ou adquire do contexto social que cria e que o recria, que o ser humano se veio tornando este ser que, para ser, tem de estar sendo' (Paulo Freire, 1995, Política e Educação, 2ª ed. Cortez Editora, Brasil).

Muitos outros cientistas e pensadores de variadíssimas áreas do conhecimento seguem idêntica linha de pensamento e, por isso, vêm influenciando os conceitos e as práticas profissionais. São exemplos desta perspectiva o Movimento de Auto-Organização apresentado nesta obra e exaustivamente fundamentado e clarificado. Outro dos exemplos citados consiste no paradigma salutogénico de Antonovsky que demonstra a diferença entre promoção da saúde e prevenção da doença, realça a importância do reforço das competências das pessoas e das comunidades na elevação do nível de saúde potenciando, deste modo, os factores geradores de saúde, sem prejuízo da complementaridade desta acção com trabalho dirigido à diminuição dos factores de risco.

A formação dos profissionais de saúde é uma das preocupações da autora que com muito empenho tem investido grande parte da sua actividade, do seu interesse e do seu saber, no Mestrado de Educação para a Saúde da UM, que coordena.

A função daqueles a quem cabe a responsabilidade da formação não pode continuar a ser a de 'expor', quer oralmente, quer com a ajuda de meios mais sofisticados, doses de conhecimentos ainda que muito bem seriados e seleccionados. Até porque cada indivíduo aprende à sua maneira e o processo individual de aprendizagem do formador apenas poderá ser aproximado ao de alguns dos formandos. Esta prática resulta em memorização de conteúdos para serem exibidos nas provas de exame sem a respectiva interiorização e apropriação necessárias à acção. Assim encontramos profissionais recentemente licenciados cujas perspectivas de actuação se inscrevem nas fórmulas dos que terminaram os seus cursos há, pelo menos, 40 anos.

A prática dos formadores será mais útil quando se preocupe com a criação de situações/oportunidades diversificadas para que os formandos, na expressão de Paulo Freire, 'estejam sendo', isto é para que interajam com as situações que lhes são apresentadas como desafios. Sendo assim o formador será o responsável pela acção, um dos dinamizadores e o recurso em termos de informação, recurso em paralelo com outros materiais informativos, por exemplo os escritos, mas mais acessível e com quem se pode dialogar. Os objectivos da formação serão então o desenvolvimento dos mecanismos de auto-regulação dos formandos ou, na perspectiva do paradigma salutogénico, o desenvolvimento das competências de observar para entender, de procurar e utilizar recursos e de desejar envolver-se na modificação de situações. Só desta forma os profissionais poderão com o seu trabalho, intervir na elevação do nível de bem-estar das pessoas seja qual for a condição em que estas se encontrem e, nomeadamente, quando sejam portadoras de doenças crónicas, como muito a propósito refere a autora deste livro.

Maió de 2004

Maria Fernanda Navarro

Professora catedrática jubilada da Escola Nacional de Saúde Pública

Introdução

Propõe-se esta pequena obra constituir uma incursão no mundo da Educação para a Saúde, sustentada teoricamente pelos contributos epistemológicos do Movimento de Auto-organização (MAO). Os caminhos que serão aqui percorridos pretendem sobretudo ser um pretexto para que os leitores reflectam sobre o que aqui será proposto, questionado, interrogado.

A postura científica de quem escreve a obra é a de quem considera os contributos do MAO como bastante pertinentes para a área da Educação, no seguimento de trabalhos anteriormente publicados. A incursão na área da Saúde ocorre sobretudo pelo carácter da dimensão comunitária que esta área possui em comum com a Educação.

Encontrará o leitor muitas mais dúvidas e perplexidades do que certezas e respostas...tal é próprio de quem começa a aprender, pois toda a aprendizagem parece basearse na sobrevivência e na curiosidade (e risco) pelo desconhecido. Aprender em Educação para a Saúde, em Promoção da Saúde, em Saúde Comunitária, implica pois assumir a curiosidade, a busca, a incerteza que orientaram a autora na construção de um mundo de significação para muitas das questões que encontra quando aprende e educa com o bem e o mal estar.

As dedicatórias e os agradecimentos falam dos nichos de bem-estar (logo, de saúde) no qual este livro habita, mas seria indigno não mencionar outras duas grandes fontes de construção de sentidos aqui propostos: uma doença crónica e a presença de 'divluy', que singelamente podemos traduzir por amor divino, aqui o vocábulo inventado por um médico para caracterizar um dos factores de resiliência mais fortes por ele encontrado nos seus doentes (Siegel, 1986). Dois (se calhar um em dois...) componentes exemplificadores de fontes de sentido e de ordem a partir de ruído, desconhecimento, mas também de confiança.

A primeira parte deste livro será dedicada a estudar a filiação epistemológica do MAO, a compreender o seu surgimento na história da ciência, as suas características, bem como a sua repercussão na ciência contemporânea.

O contributo mais importante do MAO para a ciência actual talvez seja o trabalho interdisciplinar dos seus cientistas, dimensão considerada fundamental no âmbito da promoção da saúde, e à qual a formação de profissionais de saúde deverá estar atenta. Assim, por exemplo, a formação médica deverá contemplar áreas tão variadas como a Ética, a Política, a Gestão, a Intervenção Comunitária, etc. 'As escolas de Medicina não poderão ficar indiferentes ao pedido generalizado de relevância, qualidade, relação custo-eficácia e equidade nos cuidados de saúde. Assim como a prática médica deve adaptar-se a novas solicitações colocadas pela sociedade, de igual modo a educação médica deve mudar' (Boelen, 1995: 29).

Na segunda parte, começaremos por relacionar o conceito de organização autopoietica (individual) com a noção de existência de padrões auto-organizativos de tipo 'mental', numa perspectiva ecológica da mente.

'Nos últimos 25 anos, avanços extraordinários foram conseguidos no nosso conhecimento sobre o tipo de coisa que o ambiente é, o tipo de coisa que um organismo é, e especialmente no que a mente (mind) é. Estes avanços vieram da Cibernética, da Teoria de Sistemas, da Teoria da Informação e ciências com elas relacionadas [...] Nós podemos afirmar que qualquer conjunto de acontecimentos e objectos que possuam circuitos causais de complexidade apropriada e relações energéticas apropriadas mostrará certamente características mentais. Ele estabelecerá comparações, isto é, será sensível à diferença (para além de ser afectado pelas causas físicas usuais tais como impacto ou força). Ele processará informação e será inevitavelmente auto correctivo, quer no que respeita ao alcance de uma homeostática optimal, quer no que se refere à maximização de certas variáveis.' (Bateson, 1972: 315).

A dimensão produtora autónoma de padrões homeostáticos de significação aparece como característica distintiva dos seres vivos face a sistemas inorgânicos, por mais complexos que estes sejam (como os computacionais). Consequentemente, explicitaremos a justaposição entre existência e aprendizagem nos seres vivos, incluindo os humanos, e ressaltaremos a importância das linguagens de tipo biológico não verbais. Avançaremos no estabelecimento de relações entre a comunicação observacional e a comunicação de tipo digital (verbal, escrita e computacional). As crenças epistemológicas em que se fundam as principais funções atribuídas à linguagem humana digitalizada serão avaliadas quando aplicadas em contexto de Educação para a Saúde (Promoção da Saúde).

Iniciaremos a terceira parte por situar historicamente as concepções de saúde pública no Ocidente, dado que a educação/promoção da saúde, enquanto intervenção sobretudo no âmbito da saúde comunitária, dela deriva.

De seguida, analisaremos rapidamente a transformação dos conceitos 'educação' e 'saúde' desde os anos setenta do século passado até à actualidade. Serão sugeridas algumas ligações na evolução destes conceitos, dado o nosso estudo sobre a evolução dos dois conceitos incidir em documentos a eles referidos no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU).

Será sucintamente revista uma tipologia de modelos de saúde pública/comunitária, e conceptualizações que lhe são inerentes (produzidos sobretudo no domínio da Enfermagem, mas com repercussões em outras áreas da saúde comunitária), pretendendo-se apresentar um levantamento bibliográfico básico que possibilite um aprofundamento investigacional neste domínio.

As perspectivas do sociólogo da saúde Aaron Antonovsky serão dedicadas algumas páginas à parte, dada a importância que consideramos elas possuírem para a construção de um modelo auto-organizativo de Educação/Promoção da Saúde.

Na quarta, e última, parte do livro, proporemos alguns tópicos em torno dos quais se pode vir a constituir um modelo auto-organizativo de Educação/Promoção da Saúde.

Assim, veremos como o princípio de complexidade pelo ruído nos ajuda a compreender os processos de saúde/doença, e como factores imprevisíveis podem ser fonte de produção de sentido nas nossas vidas.

A aceitação de desequilíbrios, mais ou menos longos, na nossa organização autopoietica pode ser facilitada quando vivemos em interacção com pessoas (onde se incluem os profissionais de saúde) que nos ajudam a flexibilizar os padrões de significação que equilibram as nossas existências.

Essa relação de ajuda pode ser incrementada pela construção comum de metáforas que lentamente se constituem em discursos familiares. A tarefa de co-construção de mundos com as populações exige aos educadores/promotores de saúde um posicionamento ético de grande humildade, que proporcione disponibilidade para aprender, educar e agir com os outros na promoção da saúde, mesmo em situações de doença crónica. Reflectiremos brevemente sobre a formação dos profissionais de saúde em Portugal face ao que aqui será proposto.

Nessa acção comunitária em que os educadores/promotores da saúde participam, perspectivas éticas contextuais contribuem para que todos possamos viver com bem-estar a nossa dupla dimensão: ser, simultaneamente, pó de terra e de estrelas.

OLIVEIRA, Clara Costa (2004). *Auto-Organização, Educação e Saúde*. Coimbra:
Adriane Editora.